

# A PRAGMÁTICA EM DADOS DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Lia Santos de Oliveira Martins<sup>1</sup>

Thamyres Gonçalves Gomes<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo, *A Pragmática em dados de Aquisição da Linguagem*, propõe analisar a ocorrência da expressão pragmática no discurso de JES, uma criança em fase de aquisição, com idade inicial de (1;6;9)<sup>3</sup>. Como arcabouço teórico, assumimos *Teorias da Aquisição da Linguagem* (Finger e Quadros - 2008), *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, (Mussalim e Bentes -2001), *Curso básico de linguística gerativa* (Kenedy - 2013) e *O traço de pessoa na aquisição normal e deficitária do português brasileiro* (Martins - 2007). Foi feito um estudo longitudinal, perfazendo 47 seções de fala espontânea onde os dados foram coletados. Levantamos as expressões linguístico-pragmáticas mais produtivas, como *repetição* e *uso de núcleos em lugar de sintagmas e orações*; verificando, se ao longo do processo, recursos iniciais como de repetição são substituídos e por quais. O objetivo é evidenciar que crianças, em estágio inicial, já expressam, linguisticamente, intenção, vontade - objetos de estudo da Pragmática.

**Palavras-chave:** Psicolinguística, Aquisição da Linguagem, Estudo Longitudinal, Teoria Gerativa, Pragmática.

## Resumen:

Este artículo, *La Pragmática en los datos de Adquisición del lenguaje*, propone analizar la ocurrencia de la expresión pragmática en el discurso de JES, una niña en fase de adquisición, con edad inicial de (1;6;9). Como marco teórico, asumimos *Teorias da Aquisição da Linguagem* (Finger e Quadros - 2008), *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, (Mussalim e Bentes -2001), *Curso básico de linguística gerativa* (Kenedy - 2013) y *O traço de pessoa na aquisição normal e deficitária do português brasileiro* (Martins - 2007). Se hizo un estudio longitudinal, con 47 secciones del habla espontánea donde los datos fueron colectados. Levantamos las expresiones lingüístico-pragmáticas más productivas, como *repetición* y *uso de núcleos en hogar de sintagmas y oraciones*, verificando, si a lo largo del proceso, recursos iniciais como el de *repetición* son sustituidos y por cuales. El objetivo es evidenciar que niños, en estagio inicial, ya expresan lingüísticamente, intenciones, voluntades – objetos de estudio de la Pragmática.

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos da Linguagem pela PUC- RJ (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), Professora Adjunta da FEUC (Fundação Educacional Unificada Campograndense), Professora Titular da UniMSB/UNIESP (Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos), Professora DIV do Colégio Pedro II - [lyasom@uol.com.br](mailto:lyasom@uol.com.br)

<sup>2</sup> Graduada em Letras pela FEUC (Fundação Educacional Unificada Campograndense). Professora DE (1) na SME- Itaguaí (Secretaria Municipal de Educação – Itaguaí) [thamyresps2011@hotmail.com](mailto:thamyresps2011@hotmail.com) / [thamyresgoncalves21@gmail.com](mailto:thamyresgoncalves21@gmail.com)

<sup>3</sup> Em estudos longitudinais de Aquisição da Linguagem, são registrados entre parênteses a idade da criança (ano;mês;dia) antes de cada fala nos dados coletados.

**Palabras clave:** Psicolingüística, Adquisición del Lenguaje, Estudio Longitudinal, Teoría Gerativa, Pragmática

## **1. Processo de Aquisição da Linguagem e Teoria Gerativa**

Aquisição da Linguagem é o processo pelo qual uma pessoa aprende uma língua, podendo ser ela materna ou estrangeira, oral ou escrita. Nesse artigo, o que abordaremos é o processo pelo qual a criança aprende sua língua materna, focando na parte oral.

Todos nós utilizamos diversos recursos linguísticos ao proferir um diálogo, a fim de expressarmos nossas intenções, desejos. Todavia o mesmo ocorre com as crianças em processo de aquisição da linguagem.

Desde a antiguidade, filósofos já se interessavam em descobrir de que maneira o ser humano era capaz de adquirir as características de uma língua. Desde o sec. XIX alguns linguistas e filólogos, guiados tanto pelo interesse paterno como pelo profissional, elaboraram diários da fala espontânea de seus filhos. A partir desses estudos foram surgindo algumas teorias sobre a aquisição da linguagem para melhor explicar as várias vertentes que estavam aparecendo. O Empirismo foi uma das primeiras teorias a começar a ser desenvolvida pelos linguistas. Na visão empírica, o ser humano é uma tabula-rasa, nasce sem nenhum tipo de conhecimento linguístico, com a mente em branco para a linguagem e, ao longo da vida, vai adquirindo experiências que vão formar sua personalidade. Logo, o ambiente e a sociedade interferem diretamente na formação do indivíduo.

A abordagem dos teóricos empiristas oferece uma contribuição importante para que se torne compreensível como as crianças adquirem os aspectos mais rotineiros da língua. Todavia, sabemos que uma simples imitação e condicionamento (prática) não são capazes de explicar algumas produções linguísticas criadas pelas crianças em processo de aquisição da linguagem, produções essas que vão muito além das estruturas que elas ouvem na interação com os adultos. Então, como explicar que essa criança seja capaz de produzir palavras e expressões jamais ouvidas, se ela adquire uma língua por meio da imitação?

O uso da linguagem de forma criativa é uma particularidade fundamental da espécie humana, o que determina que o ser humano seja capaz de compreender e produzir uma sentença jamais ouvida antes.

Diferente dos empiristas, os racionalistas defendem a idéia de que a mente é responsável pela aquisição da linguagem, eles pressupõem que todo ser humano nasce com uma capacidade inata que subjaz o processo de aquisição da linguagem. Segundo os inatistas,

a aquisição não se dá por meio de repetições e, sim, por meio da pré-disposição em adquirir uma língua, o que é transmitido geneticamente, pois a criança já nasce com uma competência para adquiri-la. Todavia, esse conhecimento inato só é ativado por meio do contato com outras pessoas, e é, por esse contato, que a criança cria seu universo linguístico. Dessa maneira, o convívio com o uso da língua materna será o responsável por acionar o Dispositivo de Aquisição da Linguagem (DAL). É com base nesses pressupostos, que Noam Chomsky propõe a Gramática Universal (GU), mecanismo inato responsável pela aquisição da linguagem ou, como nos dizeres dos gramáticos de Port-Royal (cf. Arnauld e Lancelot, 1660), é a “arte que nos permite produzir e compreender a linguagem”.

As línguas naturais compartilham muitas características, pois possuem o mesmo estágio inicial de aquisição, o que a GU pode explicar com muita clareza a partir de seus dois conjuntos de informações, os Princípios (regras gerais estabelecidas em todas as línguas) e os Parâmetros (regras específicas de cada língua). Os princípios da linguagem estão ativos desde o nascimento do indivíduo, enquanto os parâmetros precisam ser ativados ao longo do tempo, de acordo com a língua falada no ambiente em que a criança está inserida.

Os princípios existentes na GU são: o *Princípio da Subordinação*, que estabelece que, em qualquer língua humana, uma oração poderá ser inserida como integrante de outra oração, o *Princípio da Dependência de Estrutura*, que afirma que as operações sintáticas existentes nas línguas naturais sempre são sensíveis à estrutura em que os constituintes se encontram inseridos numa dada frase, e os *Princípios da Ligação*, que, na verdade, é um conjunto de três princípios, em que um desses princípios, o Princípio B, determina que pronomes anafóricos devem encontrar seu referente numa oração diferente daquela em que estão inseridos.

Os parâmetros existentes na GU são: o *Parâmetro do Sujeito Nulo*, que afirma o aspecto gramatical de poder haver, em algumas línguas, sujeito pleno e nulo, o *Parâmetro do núcleo*, que determina qual a posição linear de um núcleo sintático em relação a seu respectivo complemento, e, para concluir, o *Parâmetro QU-*, que diz respeito à posição linear de pronomes iniciados com qu- (que, qual, quem, quando, como – forma reduzida de “de que maneira” e onde – forma reduzida de “em que lugar”) devem ocupar nas frases.

A criança adquire a linguagem sem nenhum tipo de esforço, sem instruções e em pouco tempo e da mesma forma em diferentes línguas, ou seja, todas as crianças passam pelos mesmos estágios de aquisição. A criança ouve a língua que está sendo utilizada no seu ambiente e, a partir disso, com base nos princípios e parâmetros da GU, forma a sua gramática estável, por isso, a língua à qual a criança está sendo exposta, de certa forma, desencadeia a aquisição da linguagem.

O conhecimento que a criança tem não inclui apenas uma lista de sons, mas a sistematicidade existente por detrás dessa lista. Ela aplica processos fonológicos e morfológicos, assim como processos sintáticos, altamente complexos aos dados a que é exposta. Por exemplo, quando a criança generaliza um processo de formação de palavras, ela produz palavras possíveis na língua, apesar de nunca as ter ouvido no ambiente linguístico. Como exemplo disso, podemos levar em consideração palavras como *fazi* (em vez de *fiz*) e *ovo* (em vez de *ouço*), que são comuns na produção da criança como exemplo de aplicação de processos morfológicos que necessitam já estar estabelecidos para que sejam aplicados, mesmo que não tenham sido ouvidos por ela no ambiente em que está adquirindo a linguagem. Todavia, a criança não aprende a linguagem através da generalização desses processos, ela aprende porque está diante de um ambiente que lhe permite acessar esse conhecimento, assim como acontece em qualquer outra área de desenvolvimento. Isso não quer dizer que o ambiente seja irrelevante, descartável. Na verdade, o ambiente dá a direção que a criança deve seguir em relação à língua a qual é exposta.

## **1.1. Estágios da Aquisição da Linguagem**

Segundo QUADROS (2008) a aquisição da linguagem se desenvolve em dois períodos: o Pré-linguístico e o Linguístico. Este último, por sua vez, apresenta-se dividido em três estágios, a saber, estágio de uma palavra, estágio de duas palavras e estágio das múltiplas combinações. A seguir propomos a caracterização dos aspectos estruturais mais relevantes inerentes a cada uma das etapas de aquisição propostas.

### **1.1.1. Período Pré-linguístico - Balbucio.**

Nos primeiros meses de vida, o bebê produz sons que não apresentam nenhum significado. No entanto, como já foi dito, desde os três dias de nascido, o bebê já diferencia os sons. Esses sons produzidos pelos bebês são chamados de balbucio, os quais apresentam uma organização progressiva. De 6 a 9 meses, os bebês produzem sílabas simples constituídas por sequências do tipo consoante – vogal (CV) e a partir dos 10 meses, os bebês passam a selecionar os sons utilizados em seu ambiente linguístico.

O aparelho fonador do bebê é muito diferente do aparelho fonador do adulto, assimilando-se mais a um aparelho fonador de primatas não humanos. É necessário esperar

até os 2 anos de idade para que o aparelho fonador tome suas dimensões específicas à espécie humana.

Quando passam a utilizar os sons da língua a que estão sendo expostos, produzem sons combinados, sem estrutura de palavra, mas que possuem uma melodia próxima a de sua língua materna, o que nos faz pensar, ao ver a criança balbuciando, que o bebê está conversando.

### 1.1.2. Período Linguístico

- **Estágio de uma Palavra**

Por volta de 1 ano de idade, as crianças passam a produzir suas primeiras palavras. Normalmente, as primeiras palavras produzidas são aquelas que estão diretamente ligadas ao seu ambiente, tais como: *mamãe, papai, água, vovó* etc. Nessa fase inicial, a criança pode atribuir um sentido mais abrangente às palavras utilizadas e, por isso, esse estágio é conhecido como *holofrástico*, em que a criança representa uma frase inteira com uma só palavra.

Com este exemplo, é possível observar que crianças, ao utilizarem um sintagma nominal “*boia*” (bola) quer dizer: *Olha a minha bola!* O que nos remete a observar que ela resumiu toda uma oração falando somente o núcleo do sintagma nominal, ou seja, utilizando apenas uma palavra.

- **Estágio de duas palavras**

Durante o segundo ano de vida, a criança passa a combinar duas ou mais palavras. Nessa fase, identificam-se relações gramaticais e conceituais. Quando a criança começa a usar mais de uma palavra, ela observa a ordem utilizada na língua que está adquirindo. Ela, também, começa a diferenciar as orações afirmativas, interrogativas e negativas.

Os enunciados de duas palavras têm sido denominados na literatura como “*fala telegráfica*”, pois a criança omite as preposições, conjunções e demais elementos de ligação.

Nesta fase, a criança, comumente, faz uso dos nomes e pronomes usados para se referenciar a ela. A criança, por vezes, não faz a inversão do pronome *você* pelo pronome *eu* conforme pode ser visto no exemplo<sup>4</sup> a seguir, em que em vez de dizer “eu quero água”, LUC repete o que sua mãe diz “Lucas”, referindo-se a ele mesmo, repetindo dessa maneira o seu próprio nome, conforme pode ser observado em (1) abaixo:

---

<sup>4</sup> Exemplo retirado da dissertação de mestrado: *Verbos denominais na aquisição e no ensino*, de Lia Martins.

(1) MÃE: Lucas, quer água?

LUC: Lucas qué.

Ao final do segundo ano de vida, o vocabulário fica mais extenso e ocorre uma reorganização do sistema de produção.

- **Estágio das Múltiplas Combinações**

Nessa fase, a criança precisa entender as regras que utilizamos para produzir uma oração, pois se trata de um conjunto maior de palavras. Além disso, a criança passa a fazer uso de elementos conectivos e demais tipos de estruturas.

Aos quatro anos, a criança produz orações na voz passiva e começa a adquirir aspectos da pragmática. A criança consegue, em meio a uma conversa, reconhecer que o ouvinte não entendeu o que ela quis dizer e, para que se faça entender, ela repete de forma mais clara o assunto quando necessário.

## **2. Pragmática e atos de fala**

Em 1977, Haberland & Mey, na primeira edição do periódico *Journal of Pragmatics*, afirmaram que a Pragmática analisa o uso concreto da linguagem na prática linguística de um lado e estuda as condições que governam essa prática de outro lado. Dessa forma, em primeiro lugar, a Pragmática pode ser apontada como a ciência do uso linguístico.

Os estudos pragmáticos planejam definir o que é linguagem e analisá-la de forma a englobar, na definição, os conceitos de sociedade e comunicação, pois o meio em que a pessoa vive interfere e muito no discurso, o que, para a Pragmática, é de extrema importância.

Os fenômenos linguísticos não são somente convencionais, eles são compostos também pela criatividade e inovação, que se alteram e interagem durante o processo de uso da linguagem.

Explicar a linguagem em uso não é simplesmente dizer que não vamos descartar nenhum elemento não-convencional, pois esses dois pontos comuns aos estudos pragmáticos formam uma linha derivada da história da preocupação com o uso linguístico.

Como a Pragmática é conhecida por estudar sobre o uso linguístico, os temas das análises são amplos e variados. Uma análise pragmática deve considerar, sempre, os aspectos da estrutura da própria língua e os aspectos relacionados ao falante da língua (a situação que ele vivencia).

Em publicações da pragmática, podemos observar a existência de estudos sobre a relação entre signos e falantes. Outro tipo de tema tipicamente estudado pela Pragmática são os funcionamentos e efeitos de atos de fala. A *Teoria dos Atos de Fala*, que surgiu por meio das conferências de Austin, interpreta a linguagem como uma atividade construída pelos interlocutores, o que significa que fica impossível debater linguagem sem que considere o ato de linguagem, o ato de estar falando, conversando. Logo, a linguagem não é a descrição do mundo e, sim, a ação.

Várias frases-feitas são capazes de realizar uma ação pelo fato de serem pronunciadas e para distinguir os usos em que as expressões induzem a realização de ações e usos em que fazem relatos simples, Austin utilizou as distinções entre os enunciados performativos, que realizam as ações porque são ditos, e os enunciados constativos, que realizam uma afirmação, falam de algo. Frases como “Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”; “Eu vos declaro marido e mulher” ou “Eu vos declaro casados” e “Damos por iniciada nossa reunião pedagógica” são enunciados performativos, pois pratica uma ação enquanto é enunciado. Somente quando é proferida a fala “Eu te batizo”, que o padre pode batizar alguém, quando é proferida a fala “Eu vos declaro casados”, que o padre pode casar alguém ou quando é falada a frase “Damos por iniciada nossa reunião pedagógica”, que a diretora e sua equipe de auxílio podem iniciar a reunião. Isso é o que caracteriza a *performatividade*.

Em contrapartida, Austin sugere a existência de enunciados constativos, o que é representado na frase “Iris caiu da escada”. Em tal caso, não haveria uma ação praticada, a ação [Iris cair da escada] já aconteceu e, provavelmente, por esse motivo exista o enunciado.

Analisando as diferença entre os enunciados *performativo* e *constativo*, Austin resolveu prosseguir no raciocínio e propor a separação de níveis de ação linguística através dos enunciados. Ele sugeriu chamar atos locucionários os que dizem/ transmitem algo; atos ilocucionários os que refletem a posição do locutor em relação ao que ele diz, onde esse locutor põe sua opinião no que está dizendo; e atos perlocucionários aqueles que produzem efeitos e consequências sobre o próprio locutor e sobre as outras pessoas. Os três níveis atuam ao mesmo tempo no enunciado. O que fica evidenciado na frase “Maria vai estar em casa hoje”. Nesse caso, o conjunto de sons que se organizam para confirmar um significado referencial e predicativo, ou seja, para efetivar uma proposição que diz algo sobre Maria, seria o ato locucionário. A força/ entonação que o enunciado produz, podendo ser de pergunta, de afirmação, de promessa etc., o que, nesse caso, fica marcado como afirmação, é o ato ilocucionário. O ato perlocucionário é o efeito produzido na pessoa que escuta o enunciado,

que pode trazer um efeito de agrado, pois gostaria que Maria estivesse em casa, ou efeito de ameaça, pois vai se sentir vigiada/ ameaçada por ter a presença da pessoa na casa.

Com base nos estudos e conceitos da Pragmática, e a partir da caracterização de QUADROS de a Pragmática se apresentar na produção linguística de crianças a partir de 4 anos de idade; buscamos verificar se, em dados de produção de crianças menores, com idade a partir de 18 meses, já não se usam recursos linguísticos que expressem a intenção / o desejo da criança.

A seguir, passaremos a analisar dados de produção, buscando verificar a ocorrência de recursos linguísticos tais como imperativo, repetição, redução a núcleos nominais e verbais dentre outros como sinalizadores de que crianças com idade inferior a quatro anos já fazem o uso de recursos expressivos da pragmática.

### **3. Metodologia**

Buscando-se verificar as manifestações linguísticas de expressão pragmática em dados de aquisição, foi desenvolvido um estudo longitudinal, uma vez que esse tipo de estudo se apresenta como o mais adequado na busca de dados de produção por parte de crianças em fase de aquisição da linguagem, por se tratar de um método de registro de dados de produção obtidos na fala espontânea da criança em uma interação linguística. Para tanto, foram feitas gravações da díade mãe-filha para coleta de dados da criança JES, com idade inicial de 1 ano e 6 meses, adquirindo o português brasileiro como sua 1ª língua. JES pertencia a uma família de grupo social médio-baixo, residente no bairro de Campo Grande, Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Para as gravações semanais, foi utilizado um gravador portátil de qualidade digital, da marca Panasonic, modelo RQ-L11. Os dados foram coletados no período de um ano (de abril de 2003 a março de 2004), perfazendo um total de 47 seções e encontram-se nos bancos de dados do LAPAL – Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem da PUC-RJ.

### **4. Recursos linguísticos na expressão pragmática em dados de JES**

Na fala de adultos, podemos perceber que a pragmática está sempre envolvida, pois é possível observar, de forma bem clara, que as pessoas fazem uso de vários recursos linguísticos frequentes em sua fala cotidiana e espontânea, buscando demonstrar suas intenções em cada ato de fala. O uso desses recursos, como, por exemplo, o uso do

*imperativo, repetição, diminutivo* faz-se presente para que o falante demonstre, através deles, suas intenções, desejos ou vontades ao dizer algo. Nesta seção, ater-nos-emos no reconhecimento de alguns desses processos, buscando analisá-los nos dados da criança JES.

Um dos recursos linguísticos mais utilizados por crianças em processo de aquisição da linguagem é o **recurso da repetição**, em que a criança faz usos reiterados de uma determinada palavra, com a finalidade de persuadir. Apesar de adultos não empregarem, frequentemente, o uso desse recurso em sua fala, ofertando-o como *inputs*, a criança com 1 ano e meio de idade já o apresenta em suas produções linguísticas. A repetição nos dados de JES é responsável por 36% dos recursos linguísticos utilizados na expressão pragmática. Na 1ª seção, JES demonstra sua insatisfação em relação a se enxugar após o banho e pôr a fralda. Ela nega e, para isso, repete por 25 vezes o advérbio de negação *não*, além de fazer uso do diminutivo com o intuito de impor sua vontade. A seguir, apresentamos, em (2) exemplo de uso da repetição com fins persuasivos.

(2) JES (1;6;9): **Ao ão, aão, não, não...** (chora)

MÃE: Tem que enxugar o neném filha.

JES (1;6;9): **Não, nanão, não.** (chorando) **não, não.**

MÃE: Então eu vou embora.

JES (1;6;9): Chora. **Não, não, não, não, não, não, não.**

MÃE: Vem botar sua fraldinha.

JES (1;6;9): **Não.**

MÃE: Então eu vou embora, tchau!

JES (1;6;9): Pépá. (...) A piau, piaú, piadim, ajeita, ajeita, ajeita, num qué; num qué **mãezinha**, num qué **mãezinha**.

MÃE: Tem que botar pilha. Toma aqui isso...

JES (1;6;9): **Não, não, não** (chora). (risada) u **mão** (gritando) **não, não, não, mão**, pomadinha, pomadinha, é erreere. (gritos).

MÃE: Vem botar a fralda que eu dou.

Outro recurso utilizado por crianças nessa fase é a presença de **núcleo nominal** ou de **núcleo verbal**, metonimicamente, em lugar de um sintagma oracional. A criança, ao produzir somente o núcleo do sintagma, põe em destaque o que é, de fato, importante para que o ouvinte a entenda, eliminando o restante da frase. Dessa forma, ela acaba por fazer um “resumo” do que pretende dizer. Além das crianças, é possível observar que adultos, por

vezes, também se valem desse recurso em suas falas. JES, na 2ª seção, utiliza somente os núcleos dos sintagmas nominais para construir uma oração em “*Bolsinha, Jéssica. A bolsinha.*” O sintagma oracional, se estivesse completo, ficaria: “*A bolsinha/ é da Jéssica.*”, onde os núcleos dos sintagmas são *bolsinha* e *Jéssica*, os quais ela utiliza em sua construção oracional. Logo em seguida, JES repete um dos sintagmas, dessa vez completo (*A bolsinha.*), com a intenção de frisar o que ela está falando. Em seguida, apresentamos em (3) exemplo de núcleo N em lugar de O e em (4) núcleo V em lugar de O.

(3) MÃE: O tênis.

JES (1;6;15): O têni .

MÃE: Mas você não vai pra rua, pra que tênis?

JES (1;6;15): Vo cinha [Bolsinha], vocinha , pega.

MÃE: Bolsinha, de quem é a bolsinha?

JES (1;6;15): **Bolsinha, Jéssica. A bolsinha.**

MÃE: Bota a bolsinha. Fecha. Vai aonde, hein? Vai aonde, dá pra falar, oi?

JES (1;6;15): Ai, Ai..

Na 6ª seção, JES ao dizer: “Faz.”, tem a intenção de dizer *Faz pipoca pra mim*. E para isso, ela faz a seleção de um vocábulo verbal para persuadir a mãe.

(4) JES : Queo [Quero] . (pausa) pac , paton .

MÃE : O que você fez hoje , hum ?

JES : Pipó [Pipoca]

MÃE : Pipoca . Você gosta de pipoca ? hum !

JES: **Faz.**

MÃE : Faz o que , heim ?

JES : Póquina [Pipoquina], eu . (pausa) cavago, dio .

O **uso do diminutivo** é outro recurso que faz parte da produção linguística de adultos, sendo, por vezes, considerado **intensificador**, em que a pessoa, ao mencionar uma palavra no diminutivo, tem a intenção de intensificar o que está sendo dito. Como exemplo, podemos considerar o diminutivo que ocorre na frase *A casa está limpinha*. Ao mencionar a palavra *limpa* no diminutivo, o falante intencionou dizer que a casa está muito limpa / limpíssima, ou seja, buscou intensificar a qualificação atribuída. Ademais, o diminutivo pode, também, ser

considerado **afetivo**, em que a pessoa tende a demonstrar seu afeto, carinho com relação ao que esta sendo referido. Como exemplo, é possível observar que JES, ao falar *Coloca meu sapatinho?*, usa o diminutivo com a intenção de demonstrar afeto, carinho que tem pelo sapato. O diminutivo também pode ser considerado **desprezivo**, em que a pessoa tem a intenção de demonstrar desprezo sobre o que está sendo referido. Como exemplo, pode-se observar a frase *Vou ter de usar esse vestidinho mesmo?!*, em que a pessoa tem a intenção de menosprezar o vestido que terá de usar, demonstrando, também, sua opinião em relação ao vestido. Além desses sentidos, o diminutivo pode, também, mostrar **delicadeza** e **tamanho pequeno**. JES faz uso do diminutivo, por exemplo, na 24ª seção, em que menciona as expressões “coloca mãe” e “papatinho” 2 vezes com a intenção de fazer com que sua mãe coloque o sapato. O que podemos observar, como exemplo, em (5).

(5) MÃE: Jéssica, vem cá minha filha. O quê?

JES (1;11;16): Galinha.

MÃE: Quê que tem a galinha?

JES (1;11;16): (...) Meal come, legal **coloca mãe, mãe (pausa) coloca! Papatinho, papatinho.**

MÃE: A Jéssica manda todo o mundo colocar o papatinho, mas ela não coloca, né?

JES (1;11;16): Colinha, **papatinho**, é. (tosse) MÃE: Sai do chão. Quê é isso?

O **imperativo** é outro recurso linguístico bastante utilizado e que, também, já aparece em produções de crianças em fase inicial de aquisição da linguagem. Ao utilizarmos o imperativo, expressamos a intenção de ordenar, de persuadir, de aconselhar. JES, na 29ª seção, faz uso do imperativo, ao mencionar o verbo “leva”, com a intenção de ordenar que sua mãe leve algo, que aparenta ser o gravador, para a Tailini (Lia). O que fica evidenciado em (6). Nos dados analisados, podemos observar que o imperativo constitui o 4º recurso mais usado, sendo responsável por 13,3%.

(6) JES (2;0;21): Liga aqui.

MÃE: Tá ligada, já.

JES (2;0;21): É da Tailini

MÃE: É! JES (2;0;21): **Leva**, pra Tailini

MÃE: Vou levar você vai da um beijinho nela. Você vai dar um beijinho na tia Lilia.

Você quer ir pra escola com a tia Lilia! Quer estudar com ela?

JES (2;0;21): Quero. Oh, papai dela.

Na 35ª seção, JES começa a utilizar um recuso linguístico diferente, a **modalização**, que é um fenômeno discursivo muito utilizado por adultos, em que estes assinalam seu enunciado, a fim de indicar sua relação com o conteúdo do mesmo, onde ele toma uma atitude em relação ao que diz ou ao seu ouvinte. O que faz com que ele deixe sua marca no texto. Nesta seção, JES faz uso de um modalizador epistêmico asseverativo negativo quando menciona a expressão *Não vaio dar não*, em que a repetição do advérbio de negação não demonstra a forma como JES se põe em relação ao que diz. A seguir, apresentamos em (7) um exemplo de modalização encontrado nos dados de produção de JES.

(7) MÃE: Vamos tomar banho, vamos.

JES (2;2;2): Não vaio dar não.

MÃE: Tá fazendo arroz não vai dar não? Que mais que tem aí. Que tem aí pra mim papá?

Percebemos que, inicialmente, a criança JES faz uso dos recursos da *repetição, dos núcleos N e V em lugar de O e do diminutivo*, utilizando sempre um ou outro e, a partir da 15ª seção, começa a fazer uso de recursos diferentes de forma simultânea. JES, ao longo das seções demonstra que não gosta de trocar a fralda. Na 15ª seção, ela menciona a sentença “*Tá limpinha*” com a intenção de dizer que sua fralda está limpa e ainda faz uso do diminutivo intensificador, para dizer que a fralda está mais limpa do que se pode pensar e, com isso, revela sua intenção em persuadir a mãe para que não troque a sua fralda, pois não se faz necessário, segundo a opinião de JES. Além disso, depois que sua mãe argumenta que é preciso trocar a fralda, JES responde com a expressão “*dodói*”, buscando dizer que, se trocar a fralda, vai doer ou fazer machucado. Um pouco depois, ainda na mesma seção, JES reitera por 3 vezes o advérbio de negação não com a intenção de expressar sua vontade de não trocar a fralda, o que está representado em (8).

(8) MÃE: Em pé? Em pé aqui em cima não cabe, nenezinha.

JES (1;9;15): Iducha.

MÃE: Sujou, tem que trocar essa fralda, sabia?

JES (1;9;15): Tá limpinha.

MÃE: Tá molhada já. Eu senti molhar minha perna, vamos trocar a fralda? Vamos trocar a fralda suja?

JES (1;9;15): Dodói.

MÃE: (Espirra) Mamãe espirrou, você tem que falar: Mamãe, saúde.

JES (1;9;15): Mamãe sa u a. [Saúde]

MÃE: É?

JES (1;9;15): E i

MÃE: Quem é esse, qual o nome dele?

JES (1;9;15): Moço.

(Pausa)

MÃE: Vamos trocar essa fralda?

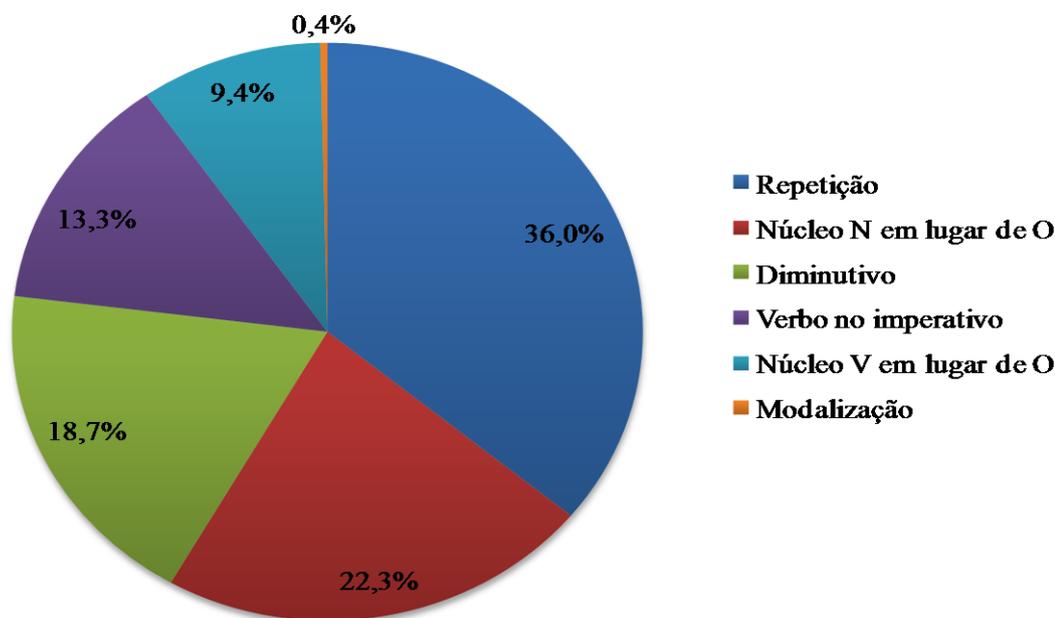
JES (1;9;15): Não, não, não.

MÃE: Mas tem que botar a pomadinha filha, vamos?

JES (1;9;15): Dinha. [Pomadinha]

O gráfico 1, exposto abaixo, apresenta o valor percentual de utilização dos recursos linguísticos na expressão pragmática pela criança JES nas 47 seções. Observando o gráfico, podemos perceber que JES utiliza, primordialmente, o recurso da *repetição*, sendo acompanhado do uso, em escala de porcentagem, dos recursos do *núcleo N em lugar de O*, do *diminutivo*, do *verbo no imperativo*, do *núcleo V em lugar de O* e da *modalização*.

**Gráfico 1 - Recursos linguísticos utilizados por JES nas 47 seções**



## 5. Considerações finais

A partir desta pesquisa, foi possível observar o quão rápido a criança consegue adquirir uma língua. Da mesma maneira, fica evidenciado que crianças em processo de Aquisição da Linguagem, não necessitam de estímulos negativos ou positivos para que adquira sua língua materna, pois é a interação com o meio em que ela vive e com as pessoas ao seu redor que vão fazer com que a mesma crie seu universo linguístico, internalize o significado e a referência das palavras para que comece a falar, sem precisar que ninguém diga o que é “certo ou errado” de acordo com a sua concepção e vivência. A criança por si só irá apreender o que é preciso para que ative a Gramática Universal e crie a sua própria língua, a língua particular, a que todos nós temos.

Foi possível observar que a criança JES, desde 1 ano e meio de idade, fazia uso de sua língua particular para interagir socialmente, comunicando-se por meio dela, sem simplesmente repetir o que um adulto fala, o que nos faz considerar a aceção de Chomsky sobre o inatismo da linguagem. A relação do contexto social com o dispositivo inato da criança permite a aquisição e o processamento pleno da linguagem.

De acordo com os dados coletados da criança JES, podemos observar o uso de diferentes recursos linguísticos na expressão pragmática. Foi possível observar, nos dados longitudinais analisados, que a criança fez uso de repetição (36%), núcleo N em lugar de O (22,3 %), diminutivo (18,7%), verbo no imperativo (13,3), núcleo V em lugar de O (9,4%) e modalização (0,4%). Isso comprova a hipótese de que já bem cedo a criança vale-se de recursos linguísticos para a expressão de suas intenções, vontades ou desejos.

Um desmembramento deste trabalho seria verificar a ocorrência desses mecanismos e/ou de outros em dados de crianças com idade de 2 anos e meio a 4 anos de idade, a fim de verificarmos se os mecanismos mais produtivos vão sendo substituídos, por quais e por quê, comprovando-se que a expressão pragmática se dá segmentalmente antes dos 4 anos.

Não se pode negar que o estudo ainda que de caráter incipiente, justifica-se pelos resultados alcançados no reconhecimento de já se fazer uso de recursos da língua na expressão de intenções/desejos desde os 18 meses de idade.

## Referências bibliográficas

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer – palavras e ações*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

CHOMSKY, Noam. *Estruturas Sintáticas*; tradução de FERREIRA, Madalena Cruz: Lisboa: Edições 70, 1957.

CORREA, Leticia Maria Sicuro. Aquisição da linguagem: uma retrospectiva dos últimos trinta anos. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501999000300014&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501999000300014&script=sci_arttext)>. Acesso em: 14 maio 2015.

DEL RÉ, Alessandra. A aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística. São Paulo: Contexto, 2006. Disponível em: < <http://www.profala.com/artpsico81.htm> >. Acesso em 10/09/2015

HABERLAND, Hartmut & MEY, Jacob L. Editorial: linguistics and pragmatics. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v.1, n.1, p.1-12, 1977.

KAIL, Michèle. *Aquisição de linguagem*; tradução de Marcos Marcionilo: Paris: Parábola, 2013.

KENEDY, Eduardo. *Curso básico de linguística gerativa*: São Paulo: Contexto, 2013.

MARTINS, Lia Santos de Oliveira, CORRÊA, Leticia Maria Sicuro (Orientadora). *O traço de pessoa na aquisição normal e deficitária do português brasileiro*. Rio de Janeiro, 2007. 199 p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

MARTINS, Lia Santos de Oliveira, LEMLE, Miriam (Orientadora). *Verbos denominais na aquisição e no ensino*. Rio de Janeiro, 1996. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MUSSALIM, Fernanda (org.); BENTES, Ana Cristina (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, v.2: São Paulo: Cortez. 2 ed., 2001. 74

QUADROS, Ronice Müller de; FINGER, Ingrid. *Teorias de aquisição da linguagem*: Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. Linguística: estudos avançados. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141994000300069](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000300069)>. Acesso em: 02 mar. 2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 16. ed. São Paulo, Cultrix, 1991.

SCLIAR-CABRAL, L. *A explanação linguística em gramáticas emergentes*. 1977a. Tese. (Doutorado em Linguística). FFLCH, Universidade de São Paulo.